

Homem, realidade, interpretação

Você tinha razão, você tinha razão. Era no círculo que precisava ser procurado. Era no círculo que...

Resumo

O texto procura expor e esclarecer a articulação homem, realidade, interpretação. Realidade é interpretação. O homem é o lugar e a hora de toda e qualquer interpretação, i.é, de toda e qualquer realidade possível. Mas ele não é seu autor (sujeito, causa), porém destinatário, enquanto o depositário e o fiador de todo e qualquer sentido, i.é, interpretação. O dar-se de sentido (interpretação) é acontecimento de transcendência. Recusa-se todo subjetivismo e/ou antropomorfismo.

Palavras-chave: homem; realidade; interpretação; interesse; perspectiva; salto; abissal; transcendência.

Abstract

The text tries to expose and clarify the articulation 'man, reality, interpretation'. Reality is interpretation. Man is the place and the time of every interpretation, that is, of every possible reality. On the other hand, he is not its author (subject, cause), but its addressee, as a depositary and guarantor of every sense, that is, interpretation. The giving of sense (interpretation) is the event of transcendence. Every subjectivism and/or anthropomorphism is refused.

Keywords: man; reality; interpretation; perspective; leap; abyssal; transcendence.

* Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Afixado à porta de uma loja especializada em artigos, em artesanato de pedra, lê-se:

A Pedra

O distraído nela tropeçou.

O bruto a usou como projétil

O empreendedor, usando-a, construiu.

O camponês, cansado da lida, dela fez assento.

Para meninos, foi brinquedo.

Drummond a poetizou.

Já David matou Golias e Miguelangelo extraiu-lhe a mais bela escultura.

Em todos estes casos, a diferença não esteve na pedra, mas no homem!

O texto ainda continua, mas nós, atônitos, cofiando — não, hoje ninguém mais *cofia* a barba! — coçando a barba, paramos, ponderamos e perguntamos: afinal, o que *é* a pedra? Em cada caso, em cada situação mencionada, tem-se, a cada vez, uma *outra* pedra. Seria, como o hermenêuta da boutique insinua, a pedra sempre a *mesma* pedra e o que, a cada vez, muda, mudou, seria o homem? Seria, então, o homem a *causa*, o *autor*, o *criador* da pedra, a cada vez? Então, a pergunta não seria “O que *é* a pedra?”, mas, antes, “O que — ou, melhor ainda, *quem* *é* o homem?”

O que parece, de início, é que pedra, a cada vez, é ou dá-se em uma relação — a relação homem-pedra. Relação ou perspectiva. Ou, ainda, interesse. E, de cara, tudo indica, perspectiva, interesse, *ponto de vista* — tudo isso é *coisa* de, do homem, isto é, *coisa* da vontade, da subjetividade humana. Pedra, assim, a cada vez, seria, sim, obra, resultado, consequência ou produto da vontade, da subjetividade humana. Enfim, do homem, pura e simplesmente.

No texto citado, ficou insinuado que pedra *é*, foi, seria sempre a *mesma* pedra e o que muda, mudou e mudaria sempre *é* o homem, talvez sua idiosincrasia ou seu capricho, a sua *vontade* ou, melhor, digamos, sua perspectiva, seu interesse ou ainda seu ponto de vista. Sempre a *mesma* pedra?! *Qual* mesma? Como? Seria esta, talvez, a *pedra em si*? E qual seria, *onde* seria a pedra em si, *objetiva*, esta pedra sempre a mesma, ou seja, a *substância* pedra propriamente dita? Seria, por exemplo — quem sabe! — a pedra do geólogo? Ou a do químico?! Esta seria, talvez, a pedra verdadeira, a pedra em si, a pedra da objetividade científica — pesada, medida, verificada. Ou geólogo e químico (a ciência), cada qual, seria, mais uma vez, tão-só uma *outra* pedra possível?

Vamos parar por aqui para começar a andar com essa pedra *no meio do nosso caminho*, que já virou *pedra no sapato* e que começa a incomodar. Parar para andar — isso é paradoxal. Mas este parar é, precisará ser o andar da pergunta, do perguntar. Vamos, pois, parar, perguntar e, assim e por isso, andar. A este tipo de andar instiga sempre a comichão da pergunta — a pedra no sapato-filosofia.

2. A pedra em si, tudo indica, não há, não pode haver. A pedra em si seria a pedra independente, *fora* de toda e qualquer relação. Mas relação é a condição necessária, absolutamente necessária para que pedra, isto é, toda e qualquer coisa, seja pedra — quer dizer, para que toda e qualquer coisa seja a coisa que é e tal como é, ou seja, tal como aparece e se mostra sendo.

Ao invés de falarmos *relação*, pode-se dizer que pedra sempre é ou torna-se pedra, *esta* pedra, em uma ou, melhor, *a partir* de uma *dimensão*; em um ou *a partir* de um *horizonte*. *Dimensão* está falando de uma abertura, de um âmbito. Um âmbito que constitui uma medida, que dá uma medida. Justo esta medida, ou seja, o âmbito ou mesmo a delimitação, é o horizonte.

Cercando e procurando melhor caracterizar esta relação, que se mostra como dimensão e horizonte, âmbito e medida, vê-se que tal medida ou âmbito, na verdade, de fato, se realiza ou se concretiza como um *interesse*, como uma *perspectiva*. Talvez, como habitualmente se diz, um *ponto de vista*.

Dito isso, a observação, a objeção que imediatamente se faz é esta: bem, se assim é, então, pedra, toda pedra, quer dizer, toda e qualquer coisa, é sempre *algo subjetivo*, pois interesse, perspectiva ou ponto de vista é sempre coisa subjetiva, obra ou produto da subjetividade, da vontade humana.

3. Foi dito: o empreendedor, isto é, o empreiteiro, o pedreiro, *vendo* a pedra, dela se *apropriou*, quer dizer, trouxe-a para junto de seu próprio, seu ser-pedreiro — enfim, assim *vendo* a pedra, construiu; a criança, *vendo* a mesma (!!) pedra desde o seu próprio, o mundo-jogo-criança, dela assim se apropriou e brincou, ou seja, a pedra *virou* mundo de jogo; Drummond a poetizou, quer dizer, pedra agora foi vista e apropriada no ou desde o mundo, o interesse ou a perspectiva poesia; Miguelangelo esculpiu, ou seja, apropriou-se de pedra, da mesma (!!) pedra, desde o mundo, a dimensão ou o horizonte escultura.

No caso, a cada vez, construção (arquitetura, fazer moradia), jogo, mundo-jogo, poesia, escultura são as dimensões, os horizontes ou, como também dissemos, os interesses, as perspectivas ou os pontos de vista desde os quais, a partir dos quais, a cada vez, pedra é pedra. Vimos e dissemos ainda: pedra só é pedra, só *pode* ser pedra em um, *desde ou a partir de um* horizonte (i.é,

dimensão, perspectiva, interesse), pois não há, não pode haver pedra em si, destituída ou fora de toda e qualquer relação, destituída ou fora de todo e qualquer interesse, ou perspectiva, ou ponto de vista. Imaginar ou querer a pedra em si, seria imaginar ou querer pedra, toda e qualquer coisa, destituída ou fora da condição absolutamente necessária para que pedra possa ser pedra, para que o que quer que seja, seja isso que é, tal qual é, aparece ou se mostra. E imaginar, desejar, aspirar ou querer o impossível, isto é, o que absolutamente está fora de toda e qualquer condição de possibilidade de ser — isso já é o domínio da presunção, da sanha, da *hybris*.

4. Agora, a pergunta é: construção (arquitetura), jogo, poesia, escultura — as dimensões, os interesses, as perspectivas (pontos de vista) ou relações possíveis — isso tudo é *coisa*, quer dizer, é produto, é resultado, consequência ou obra do homem? Tais dimensões ou horizontes são invenções, criações da subjetividade humana, construções da consciência autônoma ou da vontade livre do homem?!

E se invertermos e perguntarmos: *seria, ao contrário, a subjetividade ou a vontade humana, em suma, seria o homem obra, criação de tais aberturas, interesses, perspectivas?! Seria o homem, este homem, cada homem, resultado, invenção (!), a cada vez, de tais dimensões, horizontes?! Assim como pedra (?!), seria também o homem apoderado e apropriado, p.ex., por arquitetura, por jogo, por poesia, por escultura e, então, ele só poderia ser compreendido em uma, desde ou a partir de uma tal relação vital-existencial possível, ou seja, somente desde ou a partir de um tal horizonte, perspectiva ou ponto de vista?*

Em sendo assim, então, o sujeito, a causa, o princípio ou a substância, seja do homem, seja da pedra e do que quer que seja, seria a relação, a abertura, isto é, o horizonte, a dimensão, o interesse ou a perspectiva. Então, em assim sendo, o em si, a coisa em si, ficou transferida para a dimensão, o horizonte, o interesse. E, adiando ou protelando mais, o que, *quem* ou qual é a causa desta causa, isto é, o sujeito ou a causa do interesse, da perspectiva? Seria *coisa* de Deus, do Espírito Santo?! *Coisa do Sobrenatural do Almeida* ou algo do *Doente imaginário*, expediente hipocondríaco de Argan?! Ou ainda *coisa* gerada no e saída do *Cafarnaum*, do M. Homais?!

Mas Deus, Espírito Santo, assim como o Sobrenatural do Almeida, na filosofia, é coisa de preguiçoso e, sobretudo, recurso, fantasia de *bípede ingrato*. De qualquer modo, ficamos na obrigação de esclarecer a natureza, o modo de ser de perspectiva (horizonte, interesse) e igualmente a afirmação, segundo a qual o homem, assim como pedra ou qualquer outra coisa, seja, venha a ser *desde e como* horizonte, interesse, perspectiva. O que é, como é esta relação, por nós

sobrecarregada com as denominações interesse, perspectiva, dimensão, horizonte, ponto de vista, e que é a condição necessária, a *conditio sine qua non*, de toda e qualquer realidade possível? E, nisso tudo, o que é, como é o homem? E, mais uma vez, a coisa, as coisas, o real, todo e qualquer real possível?

5. Quando uma pedra acontece, i.é., aparece, se dá, como *esta* ou como *aquela* pedra, um interesse, uma perspectiva (dimensão, horizonte) *sempre já* se deu, *sempre já* aconteceu. “Uma *coisa em si* é algo tão absurdo quanto um *sentido em si*, uma *significação em si*. Não há nenhum fato, nenhum *estado de fato em si*, pois, para que possa haver um *estado de fato*, é preciso que, antes, um *sentido seja/esteja sempre já introduzido*”, escreveu Nietzsche¹. A expressão *sempre já*, empregada acima (o que, na citação de Nietzsche, corresponde ao “antes... seja sempre” – *ein Sinn muss immer erst hineingelegt werden*), é chave, é decisiva, pois ela aponta para o caráter de salto ou de i-mediatidade e, então, de prévio, de antecipação (*a priori*), assim como igualmente de inserção (círculo ou circularidade), da perspectiva ou do interesse fundador, instaurador ou inaugurador de coisa, de algo — qualquer que seja. Esta ou este é o *sentido*, quer dizer, o *lógos*, o mundo sempre já irrompido, de modo a tornar possível o que aparece ou se dá, tal como se dá ou aparece. Ou seja, quando se vê algo, vê-se *porque* (graças a) já se está tomado, atravessado ou perpassado por uma perspectiva ou por um inter-esse. Tomado, atravessado, perpassado, isto é, em pleno meio, *medium* ou *elemento*. Este ser ou estar *tomado por* dá o caráter de inserimento ou de *inserção*, que é ser sob a forma ou sob o modo de ser dito na imagem de círculo ou de circularidade. Círculo ou circularidade, pois, é a tentativa de dizer, através de uma imagem, uma experiência arcaico-originária, que não tem ou não é imagem alguma, a saber, o próprio fenômeno (“Urphänomen”) da vida, da existência humana, enquanto e como inserção e afeto ou *páthos*. *Porque* ou *graças* a salto, súbito ou i-mediatado — por isso, graças a isso, dá-se círculo, acontece circularidade; faz-se inserção e, *então* (!), afeto, *páthos*. Na verdade, tudo isso é um único e mesmo instante, um único e mesmo *ato*.

A perspectiva ou o interesse tem ou, melhor, é a forma ou a estrutura do afeto (*páthos*), uma vez que ela ou ele toma, apodera-se ou apropria-se do homem. E isso à medida que perspectiva ou interesse vem sobre o homem, lhe sobrevém, e assim o toma, dele apoderando-se ou apropriando-se. Quer dizer,

1 Cf. Nietzsche, *F. A Vontade de Poder*, Contraponto, Rio de Janeiro, 2008, nr. 556, pág. 290/1 ou KGW VIII-1, 2[149], p. 138

apodera-se ou apropria-se do ente, antes e melhor, do *modo de ser*, que é apoderável ou apropriável, isto é, *afetável*. E tal modo de ser é o *próprio* do homem e só do homem, o qual originariamente é nada, ou seja, *coisa* nenhuma, algo nenhum determinado, mas só e tão só a possibilidade de ser tocado, tomado ou afetado por uma perspectiva, por um interesse, quer dizer, por uma possibilidade ou um *sentido* (*lôgos, mundo*) possível. E isso quer ainda dizer: o homem e só o homem é possibilidade de ser tomado (tocado, afetado) por possibilidade.

Uma possibilidade que se apodera ou se apropria do homem se concretiza ou se realiza à medida que se *ex-põe*. E a exposição, quer dizer, concretização ou realização de tal possibilidade, perfaz história. A história (a substância!), que é o homem, que o homem é. E é preciso que se pense e que se considere que uma tal possibilidade (sentido, mundo, interesse, perspectiva), por ser a encarnação ou a concretização da própria vida, isto é, o modo como vida se realiza ou se concretiza — enfim, tal possibilidade é essencial ou constitutivamente realizar-se, concretizar-se em se expondo. Expondo-se, quer dizer, tal possibilidade é necessariamente movimento ou dinâmica de *auto-exposição*, pois vida (a vida humana, história) é movimento que, desde si mesmo, move (expõe) a si mesmo. Um *automóvel*, pois. E, como já dito, assim se faz história, a história (o acontecer, o suceder ou o dar-se de tempo se fazendo tempo, a “Geschichte”) que cada homem, que todo homem é. Homem, essencial ou necessariamente, é história e só história ou a ação, a atividade de exposição, de auto-exposição de uma perspectiva ou de um interesse (isso é tempo se fazendo tempo ou vindo a ser tempo), o qual *se serve do*, o qual *usa o* ente, melhor, *o modo de ser* usável, apropriável, a saber, o homem e só o homem. E assim, só assim, o homem vem a ser ou se faz homem, isto é, acontece ou dá-se como este ou como aquele homem determinado. A *substância*, o *ser* do homem é história (tempo) e só história (tempo). Ou seja, o homem é ou tem *ser* nenhum, *substância* nenhuma.

6. Uma perspectiva (interesse, sentido, mundo) se apropria do homem e, então, o homem vem a ser homem. E alguém, com razão, pergunta: “Ora, como?! O homem, então, é ou há antes do homem?!” A pergunta seria boa se razão, aqui, pudesse ser medida, critério...! Pois quando a medida ou o critério é o súbito, o salto, então, a razão nunca é ou tem razão...! Mas aceitemos a pergunta, a objeção. E a resposta é: sim e não. *Não* (i.é, o homem não pré- ou sub-existe ao homem), se se pensa homem sempre já como um algo determinado, como já alguma coisa, p.ex., uma alma, um espírito, uma consciência ou, por outro lado, um corpo, uma energia, um lastro ou um aparato bio-fisiológico, um organismo. Ou seja, originariamente o homem

não é nenhum *isso* ou *aquilo*, pois toda e qualquer determinação desta índole é tardia, epigonal. *Sim* (quer dizer, o homem é ou seria *antes* do homem, isto é, deste homem assim caracterizado ou determinado, tardiamente), se se considera, se se vê que, antes e fora do homem concreto, realizado (p.ex., este eu, ou espírito, ou consciência, ou alma, ou corpo, ou energia, João, Pedro, Maria etc., etc.), o que é e há arcaico-originariamente é só e tão-só possibilidade *de* e *para* possibilidade. Pois a vida, a existência humana, em suma, o homem, no seu fundo ou lastro ontológico primeiro, essencial, é “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”². Ou seja, o homem, a vida ou a existência humana, dá-se ou acontece como a abertura, i.é, a disposição ou a pré-disposição (pura espontaneidade *ou* liberdade) de ser disposição, pré-disposição ou aptidão (possibilidade) *para*. E isso, a saber, esta realidade da liberdade, é só e tão-só possibilidade *de* e *para* possibilidade.

7. Mas alguém, algum realista encardido, insiste, objeta: “Pois me mostre este homem, esta pura possibilidade para possibilidade! Quero ver! Quero a prova, a constatação, a verificação disso.” E o erro seria levar a sério esta objeção/reivindicação e querer respondê-la, segundo a medida da objeção, pois tal exigência/reivindicação é coisa de bom senso, de senso comum, quer dizer, ela não fala *no* e *desde* o salto, isto é, ela não vê e não sabe o homem, as *coisas*, realmente desde e como salto, círculo, circularidade e *inserção*. De novo, tal objeção/reivindicação é distraída, melhor, decaída, pois ela quer o *primeiro* homem. E o *primeiro* homem não há, nunca houve. Não haverá. E não por falta ou ineficiência da pesquisa paleontológica em direção ao elo perdido. Essencial ou constitutivamente não há e não pode haver o primeiro homem, *o homem em si*, aquele que seria pura e absoluta realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade.

E tal impossibilidade é posta e imposta justamente pelo salto, pela estrutura circular ou de inserção. Ou seja, quando o homem é ou há, ele sempre já é ou há (já foi!) na e como inserção, isto é, em um sentido (*lógos*, mundo, interesse, perspectiva). Então, de fato ou imediatamente o homem se dá sempre já constituído (decaído), feito ou per-feito por um sentido, por um mundo, por um interesse ou uma perspectiva. Aqui, agora, não vai se entrar com o tema do próprio e do impróprio, do autêntico e do inautêntico, de vida ascendente e de vida decadente, de criação e de letargia ou apatia. Mas é, seria a hora, o tempo, de uma tal discussão e formulação.

2 Cf. Kierkegaard, S. *O Conceito de Angustia*, Cap. I, § 5

No entanto, o fato de o homem, a vida humana, dar-se ou acontecer sempre já constituída ou concretizada, e isso fundado no salto, na inserção ou no círculo (isto é, no sem fundo ou sem fundamento, no *a-byssos*) é a razão (!) ou o fundo ontológico da definição/determinação do homem como o animal, como o vivente político, ou seja, sempre já em uma ou desde uma *pólis*, um mundo ou um sentido, quer dizer, sempre já jogado num contexto ou horizonte de valores, de significações, o que habitualmente também se denomina *cultura*.

Tanto quanto perspectiva (interesse, horizonte, sentido, mundo, *lógos*) vem sobre a vida, sobrevém ao homem (possibilidade de e para possibilidade) e dele se apodera ou se apropria, o homem, então, não é, não *pode* ser o autor, a causa, o sujeito de tal perspectiva, ou interesse, ou sentido. Ao contrário, em prevalecendo esta antevisão segundo antecedente e conseqüente, causa e efeito, há que dizer-se que o homem, então, antes, é resultado, é efeito ou conseqüência da perspectiva, do sentido, que sempre já se deu, aconteceu ou se interpôs. Na ânsia de causa e efeito, de antecedente e conseqüente, que é sempre vontade de certeza, de controle, vem ainda a pergunta: “mas, afinal, *quê* ou *quem* é a causa, a razão, o fundamento, o autor ou responsável?” A evidência do salto, do súbito, nos livra do mal-estar destas perguntas. Pois o salto põe a graça do *de graça*, a graça da gratuidade ou do gratuito. É isso o *a-byssos*, o abissal na cara, na pele da vida. Não há, não precisa haver *quê*, quem. Isso, a saber, um *quê* ou um *quem*, uma causa, uma autoria, a responsabilidade de um sujeito, estragaria tudo, envenenaria tudo. Melhor, *azedaria o caldo*... Nada de ingratidão, de *bípede ingrato*!...

8. Interesse, perspectiva (sempre um *verbo* do/no viver ou existir), define o modo de ser de vida, de existência, que se caracteriza como afeto (i.é, modo de ser que vem sobre, que sobrevém ao homem e, assim, dele se apropria, ou seja, lhe dá *seu* próprio, quer dizer, o próprio de ou da perspectiva) e, então, define vida, existência, igualmente como inserção ou circularidade. Justamente esta estrutura é dita em e com *inter-esse*, quer dizer, o ser já desde dentro (*inter*) de um determinado modo de ser (*esse*), o qual, por seu lado, se define como *per-spectiva*, ou seja, um *ver* (*spicere*), i.é, aparecer ou mostrar-se, que se faz ou se dá *desde e através* (*per*) do elemento ou *medium*, no qual se está, se é inserido ou jogado. E esta estrutura decide ainda pelo modo de ser do real, de todo e qualquer real, que é ser sempre desde e como relação. A relação que se faz desde e como inserção ou circularidade, isto é, desde e como *medium* ou *elemento*. E como é, como se dá ou se faz esta relação?

É, dá-se ou faz-se tal como relação precisa ser compreendida em seu sentido próprio, mais próprio. Ou seja, *medium* ou elemento põe, impõe que

relação seja compreendida nela mesma, desde (a partir de) ela mesma e não desde ou a partir dos pólos, dos termos ou dos *relata*. Expliquemos.

Normalmente, habitualmente, relação é entendida, subentendida como o óbvio da referência de um termo ou pólo (A) a outro termo ou pólo (B). É A que se refere a B, ou B que se refere a A, ou, simultânea e dialeticamente, A referindo-se a B e B referindo-se a A. Esta estrutura, exemplificada bipolarmente, pode ser poli- ou multi-polar. O decisivo é que o ponto de partida ou a suposição é sempre o pólo, o termo — os pólos, os termos ou *relata*.

Este modo de compreender e subentender relação, sendo o habitual, é tardio, epigonal ou decaído. Neste sub-entendimento impera um modo de ser, a saber, o da referência bi- ou multi-polar, que encobre e escamoteia a relação propriamente dita, seu modo próprio de ser relação, à medida que sobrecarrega, mesmo isola e sedimenta, os termos consolidados, os pólos tardiamente cristalizados, cada qual como um em si e um por si. Na verdade, quando um, dois ou vários termos ou pólos aparecem, sendo um para o outro e o outro para o um, isso se dá, *só pode* se dar, *porque* relação *já* se deu ou *já* se abriu, isto é, *já* abriu-se ou instaurou-se a *possibilidade* de, p.ex., A ser para B e B ser para A. Esta possibilidade, esta abertura, é ou constitui propriamente a relação ou, se se quer, tal possibilidade é o fundo, o fundamento abissal (súbito, i-mediato, desde e como salto) ou o estrato ontológico de relação enquanto tal. Sem esta possibilidade, A jamais seria, jamais poderia ser para B e B jamais seria, poderia ser para A, de modo a se referirem mutuamente. Dito de outro modo, A *pode* ser para B e B *pode* ser para A *porque*, isto é, *graças* ao fato que o *espaço* (=lugar ontológico) ou o *âmbito* (=lugar ontológico), no qual se instauram, *podem* se instaurar A e B *como* A e B e sendo um para o outro e o outro para o um — enfim, *porque* tal espaço ou âmbito *já* se abriu, *já* se deu ou se instaurou. E tal âmbito ou espaço abre-se, instaura-se *i-mediatemente*, quer dizer, *súbita* ou *de repente*, e, por isso, graças a isso, não se pode, *não se tem o direito* de jamais tomar ou apreender os termos ou os pólos (A e B, p.ex.) *antes* e *fora* desta inserção, isto é, *antes* e *fora* da relação propriamente dita, como se fossem, como se pudessem ser isso que denominamos termos ou pólos, cada qual em si e por si. A fala de e a partir de termos ou pólos é uma vesgueada, é fala de quem está distraído, fala de quem, “acordado, está dormindo”, diria Heráclito. Isso é lei de, do círculo.

Relação é, pois, o *medium*, o *elemento* (como se diz que o ar é o elemento do pássaro, a água o elemento do peixe) e *isso* define afeto, *páthos*. E, mais uma vez, esta relação, por ser afeto e assim sendo afeto ou *páthos*, pode e precisa ser denominada, para se fazer mais espessa e então também mais visível, *inter-esse* ou *per-spectiva*.

9. Diz-se interesse ou perspectiva uma vez que, teórico-especulativamente, ambos estão dizendo, mostrando o mesmo fenômeno, uma mesma experiência constitutiva de vida, de existência, a saber, vida ou existência (então as coisas, todas as coisas) como sendo *afeto*. O *é*, todo *é*, *é* afeto. Este é o sentido, a determinação própria de *valor*. Deixemos isso, valor, porém.

Mas o que se quer mostrar, destacar, *é* que o homem (e então também as coisas), não *tem* afeto(s), mas *é* afeto(s). Afeto faz homem vir a ser homem, assim como faz coisa, toda e qualquer, vir a ser coisa — a coisa que *é* e tal como *é*, isto *é*, mostrando-a, tornando-a ou fazendo-a visível. Realizando-a.

O homem não *é* um *dentro*, um interior, já dado ou constituído (um eu, uma alma, um espírito, um consciência, pessoa, etc.) e então dotado, *acrescido* de afetos, que vêm de *fora*, que aderem, que se somam ao homem e que o homem, então, por ação de sua subjetividade ou de sua vontade, projeta, aplica sobre as coisas externas, também já dadas, sub- e pré-existentes, assim colorindo-as com tais afetos, imantando-as ou modelando-as, de acordo com sua subjetividade, seu *interior*, seus *sentimentos*. Nesta visão, segundo esta compreensão, tanto homem quanto coisas pré- ou sub-existem ao afeto, que passa a ser mais um *adereço*, mais um *valor agregado*, mais um componente somado, acrescentado, seja ao homem, seja ao real, às coisas.

Mas como mostrar, como explicar que tanto homem quanto real, quanto as coisas, não existem, não sub- ou pré-existem ao afeto, i.é, que não hão e não se dão *antes e fora* de afeto? Como realmente entender e esclarecer, mostrar, perspectiva ou interesse em seu modo de ser arcaico-originário ou imediato?

10. “Fazer ou tornar visível” *é* uma expressão que tomamos emprestada de Paul Klee, em um pequeno escrito, intitulado “Confissão criadora”, onde ele diz: “A arte não reproduz o visível, mas faz, mas torna visível”³. Como entender isso?

Arte – tomemos, privilegiando Klee, a pintura. Habitualmente (no mundo do pensamento, o hábito *é* sempre a megera, sempre “l’infamme” a “écra-ser”), quer dizer, vendo a pintura não desde o artista, desde o pintor, mas justamente desde o hábito ou o senso comum, entende-se, *grosso modo*, mais ou menos assim: a coisa, o *motivo*, a ser pintada(o) está aí, à frente do pintor, dada e pronta ou acabada. O artista, o pintor, vai postar-se diante dela e ou

3 Cf. Klee, P. *Sobre a arte moderna e outros ensaios*, Zahar, Rio, 2001, p. 43, trad. Pedro Sussekind. O original alemão diz: “Kunst giebt nicht das Sichtbare wieder, sondern macht sichtbar”.

vai copiá-la, reproduzi-la, fixando-a num decalque (isso seria o *reproduzi-la* natural, realista, coisista ou coisalmente), ou, então, vai pintá-la *modificando-a*, *transformando-a*⁴ e esta modificação é entendida como a *aplicação* sobre a coisa, sobre o motivo, de certas técnicas ou, então, projetando sobre a coisa, sobre o motivo, os sentimentos, os valores, as intenções, as vivências, os gostos, as idiossincrasias, enfim, aplicando ou projetando todo o mundo *interior*, psíquico, psico-social do artista, do pintor, sobre a coisa, sobre o motivo.

No entanto, é possível entender o pintar, a pintura, de um outro modo, que pode ser uma experiência radical, i.é., essencial, fundadora de um artista, de um pintor, e que passa a ser a medida para se compreender a frase citada de Klee.

Em algum lugar, disse Cézanne que, “na pintura, a linha é a cor”. Isto quer dizer: na pintura, desde a experiência da pintura (esta dimensão, horizonte ou perspectiva) *a cor é a própria coisa*, pois “linha”, nesta citação de Cézanne, está dizendo o *lugar e a hora* (lugar ontológico, *forma* ou *gênese*) de coisa ser coisa; de coisa, qualquer que seja, fazer-se ou tornar-se a coisa que é e tal qual é, aparece, se mostra. Em outros termos: na pintura, como pintura, cor é princípio de realidade (*archê*), *cor funda*, isto é, instaura, inaugura real. E isso, este modo de ser, é linha. E isto quer ainda dizer: assim, desde uma tal visão ou experiência, pintura faz-se, torna-se a instância, a dimensão (perspectiva, interesse), na qual, desde ou a partir da qual o real se evidencia como sendo, como podendo e *precisando* ser — pintar é preciso! — a poética de cor. Poética, *poiésis*, está dizendo: o fazer-se, o tornar-se a ação, a atividade de gênese do real. O real será, em pintando, no e como pintar, o fazer-se de cor. Em uma expressão meio forçada, pode-se dizer: *a coração* de cor, i.é., a ação de cor fazer-se ou tornar-se cor. E, então, cor, na sua *coração*, faz-se o coração, quer dizer, o pulso, a cadência, o ritmo e mesmo a vida do real, de todo real possível como cor, como *coração*. Isso suposto que *tudo pode*, *precisa* ser pintado. A pintura, o pintar *apropria-se* do pintor, dele faz uso, dele até *abusa* e ele, então, é, torna-se, como diz ainda Klee, *passagem* da coisa como coisa-cor, como coisa-pintar-pintura. Como *coração*. *Pintar* é preciso, viver não é preciso.

É, portanto, desde uma tal experiência fundadora de pintura, que é preciso ler e ouvir a frase citada de Klee: a arte não reproduz, não copia, não fixa

4 Não *deformando-a*, p.ex., no sentido reivindicado pelo próprio Klee e, depois, por Francis Bacon e mesmo outros, no sentido de, através desta *deformação*, *desconstrução* ou mesmo *destruição*, conquistar, reconquistar a gênese da *coisa*, sua força geradora, pela via do desfazer para ver como foi feito, e então, pintando, apontar, insinuar, mostrar, co-pintar, melhor, co-fazer tal gênese, tal força geradora.

em decalque, o visível, i.é, o que é e há — isso que desde ou no senso comum, na indiferença ou apatia se mostra ou aparece como o que obviamente é, está aí; arte não reproduz o visível, mas faz, torna visível à medida que se pinta, enquanto e como a experiência, i.é, a evidência da poética de cor, da *coração* de cor.

A cor como poética do real, a pintura como o movimento, a dinâmica de cor se fazendo cor (a sua *coração*, pois) e, assim, fazendo real, o real pintado, melhor, *em pintando*, fazer-se ou tornar-se real — isso é o real como o *concreto* da pintura, pois aí e assim, só aí e só assim o real é enquanto e como o *crescer*, o con-crescer de cor e real, o acontecimento cor-real. *Fora* de uma tal experiência, de uma tal evidência, a pintura, o pintar é *abstrato*, quer dizer, sem força, sem tónus, sem *tempo*.

Toda esta estruturação cor-pintar-real (um único e mesmo instante ou *ato*), Klee, em outro lugar, disse com uma expressão que, em alemão, soa estranha e insólita. A isso, a esta estruturação, chama não “Form” (forma), mas “Formung” (*formação*), no sentido preciso de: a ação, a atividade ou a dinâmica de forma (entendida não como fôrma ou formato, bitola, mas como gênese, como gênese ontológica ou fonte do visível, do fazer-se visível - a própria luz!) se fazendo forma (form-ação), a sua *en-formação* ou a sua própria *essencialização*, pois isso, este modo de ser fala de *essência* se fazendo *essência*, se *essenciando*. O en-ser de ser. “Bom é forma como movimento, como ação, bom é forma atuante... Bom é *formação*. Ruim é forma; forma é fim, desfecho, é morte. *Formação* é movimento, é ação. *Formação* é vida”, diz Klee⁵. É isso nascimento, geração, gênese (vir à luz, iluminar-se) e mesmo gênese de gênese, a própria vida da vida ou o real se realizando, se fazendo real desde *si mesmo*, a partir de *si mesmo*. O “si”, o “si mesmo” é, precisa ser sempre a abertura, a dimensão, a perspectiva, o interesse — lugar e hora de todo e qualquer real possível. Aqui, agora, é preciso dizer: pintando, só pintando é, há. Pintar é preciso.

11. Desde uma tal experiência (experiência é sempre iluminação, *evidência*), o real, a coisa, toda e qualquer coisa, não é algo que está aí já dado, feito, pronto e acabado, uma mera ocorrência, e que será pintado, ou modelado, ou decalcado, ou mesmo modificado, *deformado*, através da projeção sobre tais coisas

5 “Gut ist Form als Bewegung, als Tun, gut ist tätige Form... Gut ist Formung, Schlecht ist Form; Form ist Ende, ist Tod. Formung ist Bewegung, ist Tat. Formung ist Leben”. Cf. Klee, P. *Die Ordnung der Dinge*, Hatje, Stuttgart, 1975, p. 94.

de sentimentos, afetos, valores, idiossincrasias do artista, da sociedade, da comunidade, etc., etc. Não. Desde uma tal extraordinária experiência, não há coisa, não se dá coisa *antes e fora* de pintura, *antes e fora* do *pintar* ou do jogo de cor se fazer cor e, assim, tornar-se princípio de realidade (*archê*) — poética. Para coisa ser ou tornar-se coisa, para ela *en-coisar-se* (!), para *encorpar-se* como coisa, como a coisa que é, é preciso pintar, é preciso tornar-se, fazer-se cor em sua própria *coração* e assim o real se faz real como exposição, auto-exposição de sua própria gênese, na sua *formação*.

Guiado, iluminado por uma tal experiência, Guimarães Rosa, fazendo uma outra viagem, cumprindo, pois, outra experiência, a da palavra, a da poética do nomear — enfim, em hora grande, ele diz: “... o ensol do sol”. Isto é, a *ensolação* do sol, o *ensolar-se* do sol ou a *essenciação* do sol, quer dizer, o sol se retomando sempre e a cada passo e instante em sua gênese ou *ensolação*. Este é o sol verbo, não substantivo. E o mesmo Rosa, em mesma hora, dirá, ainda: “... o coqueiro coqueirando, a pedra se mesmando”. Quando se vê, quando se co-faz a gênese-coqueiro ou a gênese-pedra, então, o coqueiro *coqueira-se*, a pedra se *em-pedra* ou se *mesma*. Sim, escrever, dizer, *ver* na ou desde a dimensão-palavra, a partir da abertura-dizer-nomear — isso é preciso.

Sempre desde uma tal experiência abissal, i.é, gratuita, aquela criança que *topou* com aquela pedra, com aquela pedra que já é, que já se fez mundo-abertura-perspectiva-interesse-jogo — e só por isso, graças a isso a criança *viu* a pedra, *topou*, *encontrou-se* com ela — pois bem, assim, a criança como que diz, lá com seus botões: “brincar, jogar, é possível e preciso”, pois se assim não for, se assim não se fizer, pedra não se *empedra*, ela não se *mesma*, ou seja, não se faz, não se torna visível, não se realiza como pedra. E Drummond diz: “dizer, nomear ou fazer a poética da palavra é preciso!” Miguelangelo: “esculpir é preciso!” O construtor, o empreiteiro cisma: “construir, edificar — isso é preciso!”

Pode-se ainda perguntar: afinal, o que é, p.ex., o coqueiro?! Em si, *antes*, *fora*, de todo e qualquer interesse, perspectiva ou relação — em suma, em si é nada, *coisa* nenhuma. Nem coisa nenhuma pode ser! *Não pode* ser o que quer que seja, pois falta-lhe a condição de possibilidade absolutamente necessária para ser, a saber, ser em um, desde ou a partir de um interesse, perspectiva ou abertura, isto é, um *medium*, um *elemento*. O coqueiro *pode coqueirar* como *coração* de cor, como nomeação ou poética do nomear (ele faz-se, torna-se palavra - “no começo é o verbo!”), ou como som, ou como... Sempre como um *como*, como isso ou como aquilo, desde ou a partir já de isso ou aquilo. Igualmente assim a pedra *pode se mesmar*, *se empedrar como...*

12. Escreveu-se acima: “a criança diz: brincar, jogar é preciso; o poeta, Drummond diz... Miguelangelo diz... o empreiteiro diz...” Esta formulação, livre, solta, habitual, induz a um grave erro. Vamos retificar. Segundo este modo de falar, fica parecendo que brincar, jogar, poetar, esculpir, construir ou edificar são, seriam deliberações, decisões *conscientes e voluntárias* ou mesmo impulsos inconscientes e involuntários de criança, de poeta, de escultor, etc. Mas, não. Não, uma vez que também criança, poeta, escultor, são feitos pelo que fazem quer dizer, também eles vêm a ser o que são enquanto e como ação ou atividade das respectivas aberturas, interesses ou perspectivas. “Que cada uno es hijo de sus obras”, diz o Quixote. É preciso ouvir nesta frase um princípio de ordem ontológica, de gênese de homem, de vida humana, e não algum preceito de elevação moral.

Cabe, pois, esclarecer como horizonte (abertura, interesse, perspectiva) não faz visível somente a coisa, as coisas, mas também, igualmente, o homem, isto é, o homem-criança, o homem-poeta, o homem-escultor, construtor, pescador, jardineiro. A verdade é que o homem é sempre *um* homem determinadamente desde um horizonte, a partir de uma perspectiva, ou seja, de uma possibilidade de ser de vida, de um *verbo* no/do viver ou existir.

O homem não sub-está à perspectiva, ele não pré- ou sub-existe ao interesse, assim se fazendo, como entende o bom senso e todo bom cristão, o *autor*, a *causa*, o *sujeito* da perspectiva, do interesse. Como?!

É que na vida, no viver ou existir, o homem — ouça-se: a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade — se abre a, para *transcendência*, isto é, dispõe-se ou pré-dispõe-se para *aquilo* (!) que o *ultrapassa*, que o *transcende*. Abre-se não. Isso, de novo, pode induzir a erro, pois fica parecendo que tal abrir-se ou dispor-se fosse obra, ação, da intenção, do propósito ou da deliberação humana, ou seja, de um homem já constituído. Seria um ato, deliberado ou não, *instintivo* ou não, de um eu, de uma vontade, de uma consciência, de um impulso, a espontaneidade do corpo, de sinapses, uma reação psico-física, neuro-motora ou eletro-química.

O homem — ouça-se: *o modo de ser* que se determina como a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade — *este* homem ou modo de ser é aberto a ou *para* transcendência, *àquilo* (!) ou *para aquilo* (!) que o ultrapassa ou o trans-cende. Mas como é, como se dá isso?

Tal abertura, disposição ou pré-disposição dá-se ou concretiza-se sempre *em um* e *como um* modo de ser de vida, de existência (um *verbo*), isto é, de novo, *em uma* ou *como uma* perspectiva (ou interesse, ou horizonte, ou mundo). E uma tal perspectiva (horizonte, mundo), em sendo sempre a

concretização ou a realização possível de vida, *é sempre ação*, dá-se ou faz-se sempre *como ação ou atividade*. Por isso, uma tal abertura, disposição ou perspectiva pode/precisa também ser denominada um *verbo* do/no viver ou existir. E *por isso*, desde *isso* ou *graças a isso* o homem, enquanto determinado ou constituído, i.é., como *este* homem, *este* João pescador, *aquele* Pedro escritor, *esta* Maria escultora — enfim, assim, graças a isso e por obra disso (abertura) o homem faz-se, torna-se homem, à medida que a perspectiva, o interesse ou a abertura *apropria-se*, *apodera-se* do homem (i.é., da possibilidade para possibilidade, ou seja, do modo de ser afetável, tocável por possibilidade de ser, de vir a ser ou fazer-se, tornar-se) e o *usa*, o *explora*. E é assim que se evidencia ser o homem ação, atividade, *drama*, quer dizer, *história* ou tempo se fazendo tempo. O tempo do tempo.

É decisivo ver-se que toda esta estruturação, todo este modo de ser sobrevém ao homem, à realidade da liberdade, desde... nada. Isso é o imperativo de salto, de súbito, de círculo. Desde nada, por nada, para nada — abissalmente. Gratuito. De graça. Graças a... nada! Acolher isso, render-se a isso é gratidão. É cumprir um destino, uma necessidade, que é pura doação. Liberdade. Espontaneidade. Fartura, superabundância de nada, ninguém, nenhum. Para nada. Pura gratuidade.

13. Quando algo se dá, acontece, um sentido sempre já se interpôs, sempre já se deu ou aconteceu. Sentido (*lógos*) está dizendo abertura, horizonte, dimensão, perspectiva, interesse. Mundo. Sentido *é* isso, *é* assim.

E assim sendo, todo e qualquer real, tudo quanto se dá e há, *é interpretação*. Sempre já interpretação. Interpretação é o nome da ação, da concretização ou realização (exposição) do sentido interposto. Não que haja, que se dê sentido e que interpretação venha a ser *outra coisa*, algo que se soma ou se acrescenta ao sentido, à abertura ou dimensão. Não. Isso é uma única e mesma *coisa* em diferentes momentos de realização ou concretização. A análise, a exposição compreensiva e fenomenológico-descritiva, privilegia ora um, ora outro momento, ora uma, ora outra articulação da estrutura, do todo.

O *entre*, o *inter*, de interpretação e de *interposição* (ou interposicionamento) não é o intermediário mediando duas coisas, não é a distância média entre duas ou mais coisas ou algos. Este *entre*, este *inter*, não é espacial, nada no domínio da extensão. Antes, o *inter* da interpretação, assim como do sentido interposto, diz o *meio*, mas meio no sentido de *medium* ou *elemento*. Elemento, isto é, *aquilo* (!) que, ao se ver, ao se dar conta, já se vê, já se dá conta *dentro*, isto é, jogado *nisso*, todo tomado, *atravessado*, *perpassado* por isso — enfim,

afetado. É, portanto, o *medium* ou elemento, que, por sua vez, evidencia o modo de ser da inserção súbita. “Inserção súbita” é um pleonasma, uma redundância, uma vez que é inserção *porque* (graças a) é súbito, *porque* (graças a) é o salto que põe e impõe círculo, circularidade e afeto.

Este *medium* ou elemento define igualmente tanto o inter de interesse, quanto o *per*, de perspectiva. Pois este *inter*, este elemento ou *medium*, em falando mundo, abertura (interesse, perspectiva), fala, primeiro, do modo de ser no *interior* ou *dentro* do qual sempre já se está, sempre já se é, ou seja, fala da necessidade da vida ou da existência *interessada*. E, segundo, este *inter*, este elemento ou *medium*, fala igualmente do *per*, isto é, do *através*, da perspectiva, que ilumina (abre) e assim instaura (põe, inaugura) o que quer que seja, o qual já é sempre, *só pode ser sempre já atravessado*, *perpassado* por tal *medium* ou elemento, uma vez que é este *medium* ou elemento que faz, que torna visível ou instaura o que aparece ou se instaura. O *ver* e o aparecer, tudo que aparece ou se faz visível, só é possível *porque* (graças a) já é desde e como este *através*, desde e como este *per* da perspectiva. O *inter*, o *per*, o *medium* ou elemento — é isso mesmo a luz, a clareira irrompida, i.é, que fez-se doação.

Tudo quanto é ou há, já é, só pode já ser interpretação. É isso a condição. E condição incondicionada, uma vez que gratuita, sem porquê, sem para quê. Salto — pura doação.

Tal como vimos, tanto as coisas, quaisquer que sejam, quanto o próprio homem, isto é, tanto o visto ou visualizado quanto o *vedor*, o sujeito que vê, ambos, são obras da abertura, da perspectiva ou do interesse. Assim por isso, também o intérprete não é nenhum sujeito, nada *atrás* da interpretação e do interpretado, portanto, nada sub-existente ou sub-jacente à interpretação e ao interpretado, mas *algo* que se faz, que se fez no próprio movimento da interpretação, melhor, do *interpretar*. Portanto, *algo* que vem a ser, se faz, se torna, à medida que se faz interpretação — à medida que se concretiza interpretar.

Na verdade, o interpretado, o intérprete e a própria interpretação constituem um único e mesmo movimento, uma única e mesma dinâmica. Melhor: um único e mesmo acontecimento ou ato, a saber, o interpretar. *Interpretar*, aqui, é entendido no sentido da ação de todo e qualquer verbo no/do existir ou viver, isto é, o fato de o viver ou existir humano ser sempre em uma ou desde uma perspectiva, em um ou desde um interesse, então, sempre em um *perspectivar-se*, em um *interessar-se*, ou seja, em um fazer-se perspectiva de perspectiva ou o fazer-se interesse de interesse.

Machado de Assis, o intérprete do real, de todo e qualquer real, a partir da poética (interesse, perspectiva, abertura) do nomear, do fazer-se palavra de palavra — este Machado não sub- ou pré-existe ao escrever, ao dizer, isto é,

mostrar ou aparecer no e do escrever. Só o senso comum pode ver e entender assim. Ele não é e não há, não *pode* ser e haver, *antes e fora* do escrever. É o escrever (a abertura, a possibilidade, o *verbo ou perspectiva*) que faz de Machado, Machado; ou seja, do escritor, escritor. Portanto, ele, o escritor, não é o sujeito do escrever, não é o *autor* (causa) da obra, mas, antes, ao contrário, é ele obra, acontecimento do escrever e no escrever, à medida que ele, na possibilidade de ser tomado ou tocado pela possibilidade-escrever (este verbo do/no viver ou existir), e em assim sendo tomado ou tocado por tal possibilidade, é por ela *usado*, pois ela, a possibilidade, sendo vida, é *usar*, isto é, expor-se, realizar-se, aparecer — *Memórias Póstumas de Brás Cubas se escreve através de Machado, usando Machado*. É insólito, mas assim é. Ele, Machado, se faz a-proprioado por este próprio, que é o escrever, por este modo de ser que, em se realizando, faz vida e real se cumprirem, aparecerem, revelarem-se no dizer, como dizer. *Que cada uno es hijo de sus obras*.

Por isso, diz Nietzsche: não se coloca, não se pode e não se deve colocar (i.é, não se tem *razão* ou *direito de*) o intérprete *atrás* da interpretação, isto é, o sujeito, o homem antes (ou atrás e, por isso, é ou faz-se sujeito, *subjectum*) do interesse, da perspectiva, como se fosse a causa da perspectiva, do interesse e, então, da interpretação⁶. Em outra anotação, lê-se: “Não se tem o direito de se perguntar: ‘quem, pois, interpreta’. Mas o próprio interpretar como uma *forma* da vontade de poder (i.é da vida) tem existência (“hat Dasein”) [não porém como um ‘ser’ (aqui, *ser* quer dizer: sujeito, substância, coisa subsistente), mas como um *processo*, um devir] como um afeto”⁷.

A verdade, portanto, é que sequer se deve falar de interpretação, mas só e tão só de *interpretar*. Não a perspectiva, mas o *perspectivar-se*; não o interesse, mas o *interessar-se*; não “mundo”, dirá Heidegger, mas o *mundar-se* (!) (“das Welten der Welt”), isto é, o fazer-se ou tornar-se mundo de mundo, o expor-se ou o concretizar-se de mundo, de perspectiva, de interesse. E é neste movimento, desde esta dinâmica ou atividade de auto-exposição, que se faz a textura, a *carne* das coisas, ou seja, é *nisso* e a partir *disso* que faz-se ou dá-se o *coisar-se* (!) *de coisa*. Pois coisa não é *coisa*, mas ela *se coisa*...!

Só há interpretar, quer dizer, o interpretado, o intérprete e a própria interpretação são *fragmentos, retalhos, restos* tardios, que se constituem como coisas e *entulho* quando se interrompe o interpretar, o perspectivar-se, o interessar-se

6 “Em última instância, é ainda necessário colocar o intérprete *atrás* da interpretação?” Cf. Nietzsche, *F. Vontade de Poder*, op.cit., nr. 481 ou KGW, VIII-1, 7[60], p. 323

7 Cf. op.cit., nr. 556 ou KGW, VIII-1, 2[149], p. 138

— o viver, o existir. O chamado interpretado, o chamado intérprete e a chamada interpretação, de fato, se dão, se fazem no ato único, que é o interpretar, tendo como *espaço*, como *lugar e hora* o homem — *não* o homem dado e constituído já em um interpretar, tardio, pois, mas *o modo de ser* privilegiado (quer dizer, que tem e é uma *lei* própria, um modo próprio de ser), enquanto e como a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade. Irrupção, salto, abissalidade. Pura gratuidade.

14. O que é o homem? O animal, o *animado*, o vivente dotado de razão. E esta razão entendida, sobretudo, como um poder de apreender e, então, de organizar tudo que se oferece ao homem a partir da validade e da predominância dos princípios de identidade, não contradição e razão suficiente, pois principalmente *isso* é a razão moderna. Pois bem, *isso* não satisfaz, não resolve, não responde.

Mas entendendo-se o homem como sendo originariamente coisa nenhuma, algo nenhum, substância alguma, mas só e tão só *o modo de ser* caracterizado como a abertura ou a aptidão, que é possibilidade para possibilidade, assim, algo de radical, de essencial pode mudar, pode se transformar. A partir dessa compreensão/determinação evidencia-se que homem *é coisa nenhuma*, nada dado ou constituído previamente. Como já dissemos: nem razão, nem alma, nem espírito, nem consciência, assim como também nada que poderia ser visto como o contrário de todas estas determinações, a saber, corpo, matéria, energia, fundo bio-fisiológico, substrato neurológico, nada de orgânico ou organismo. Tudo isso, que pode ser *real* e útil, no entanto, é tardio, nenhum dado primário, e, por isso, chega sempre atrasado quando em questão está a responsável e grave pergunta pelo homem, pela sua *real textura* ontológica.

A partir da evidência, segundo a qual o homem não *é coisa nenhuma*, outra dimensão, outra percepção ou compreensão se abre e se impõe: o homem *é*, só pode ser *experiência* (afeto) e *história*. Ele, isto *é*, este modo de ser, é possibilidade, quer dizer, a necessidade, uma vez que é possibilidade vital ou existencial e não uma mera possibilidade lógica, que se faz contingência — o homem *é* a possibilidade, então a necessidade, de vir a ser *no fazer, como fazer, a partir do fazer*. Se faz, *é*. Melhor: se faz, vem a ser, torna-se. Se faz, ganha textura, carne, miolo, tutano, determinação. Faz-se, torna-se um homem, *este* homem.

O *homem* faz?! Faz para vir a ser ou se fazer?! Mas *quem* faz, que homem faz, se não há homem, coisa nenhuma pré-fixada, antes e atrás da ação, como sendo sua causa, seu sujeito? Mas já esclarecemos: não há, não pode haver *quem* interpreta, isto *é, quem* faz, *quem* age.

Mas, em dizendo que o homem se faz, vem a ser só no e desde o fazer, fica dito que o homem é ação, que ele é, se faz ou vem a ser desde e como ação, atividade — é isso mesmo história. Mas aí se impõe a pergunta pela natureza, pelo modo de ser de ação, de atividade. Como é isso? Como se dá e se faz o fazer? Heidegger, abrindo *Sobre o Humanismo*, no embalo desta viagem da pergunta pelo homem, indicou que, “desde há muito não se pensa a essência da ação”, do fazer (“Tun”). E, continua ele, não se pensa esta essência, isto é, o modo próprio de ser de ação, à medida que só se a considera como “produção de um efeito”, o qual é sempre avaliado e endossado em função de sua utilidade.⁸

E o que quer dizer pensar, entender a ação, a essência da ação, só como “a produção de um efeito”? É entender a ação, toda ação, como o resultado, o produto de um sujeito, isto é, de um agente, de um autor, de uma causa. Este sujeito, claro, por ser sujeito, já está dado, constituído, portanto, feito, pronto e acabado *antes e fora* da ação. E justamente por isso ele é causa, autor, agente. Ele é o sustentador, o portador e o *dono* da ação, da atividade, que é uma mera consequência, mero resultado, efeito ou produto dele. É esta a atitude típica e tópica do *tipo* (estrutura) voluntarista, do tipo da autonomia da consciência, do eu, que é o sujeito, a substância moderna. Ou seja, é o modo próprio de ser de toda a modernidade ocidental-européia, que põe o ativismo, o operativismo do eu, da consciência, e que, por fim, conduz à técnica contemporânea, à tecno-ciência, que é o triunfo deste operativismo causal-subjetivo. O mundo cibernético é o triunfo desta ação, deste ativismo ou operativismo do eu substância, na forma da matematização e do cálculo (i.é, por antecipação *contar com*, controlar e, assim, assegurar-se, auto-assegurar-se) uni-formes e uni-dimensionais.

Entender a ação como ou desde só a produção de um efeito é entender, é imaginar que toda ação *precisa ter* um agente, uma causa, melhor, ela *precisa ser* o resultado ou o efeito de uma causa (o princípio de razão suficiente impõe isso), de um sujeito, mesmo de um eu - p.ex., *eu* escrevo, *eu* pinto, *eu* capino, *eu* (ou *ele*) jogo(a). Presente está a suposição que todo e qualquer dar-se ou acontecer, toda e qualquer coisa, dá-se ou acontece, *precisa dar-se* ou acontecer segundo a estrutura: *ou* agente *ou* paciente; *ou* ativo *ou* passivo. E o ativo, o agente, é a forma primeira e exemplar da ação. O paciente, o passivo, já é derivação e modificação ou transposição do agente para o paciente sofrido, constituído. O paciente é um sujeito invertido, travestido.

8 Cf. Heidegger, M. *Sobre o Humanismo*, Tempo Brasileiro, Rio, 1967, trás. E.C.Leão, p. 23

Em se falando de ação e dos verbos, fala-se das vozes (modos) ativa e/ou passiva. E a ação, já se disse, *ou é ativa ou é passiva*. *Ou* o sujeito pratica ação *ou* ele a sofre - sempre *de fora*. Em qualquer que seja o caso, o sujeito, o autor, o agente, já está dado e, seja ele praticando, seja ele sofrendo a ação, ele está de tal modo dado e tão completamente dado, que tal ação não tem sobre ele, nele, nenhum eco, nenhuma repercussão e, por isso, nele nada acontece, nada se transforma. Nesta estrutura, ele, o sujeito, é incólume, impermeável à ação. Intocável, in-afetável. Só e todo autor e dono dela e, portanto, *fora* da ação, *antes* da ação e imune à própria ação. Mais uma vez, este é o modo de entender tipicamente moderno, o qual vê, estrutura, organiza, esquematiza tudo a partir do esquema sujeito *versus* objeto, o S x O, o S é P - a relação e a proposição ou enunciado exemplares. Isto é, o homem (o eu, a consciência, a *vontade*) do lado de cá (feito, pronto, acabado) e (+) a coisa, o objeto, do lado de lá, fora, a ser feita, isto é, *passivamente* constituída, modelada, no e pelo leito de Procusto do sujeito ativo.

Porém, vendo, entendendo o homem e, então, também a coisa, as coisas, todo e qualquer real possível, como ou desde abertura, quer dizer, como ou desde possibilidade e mesmo e sobretudo desde e como possibilidade *de* e *para* possibilidade — assim vendo e entendendo, a *medida* da ação, isto é, sua essência, não mais recai sobre o sujeito, a causa, o agente da ação, e nem tampouco sobre o constituído e modelado na forma (voz) passiva, mas o que pesa, o que decide é a inserção (círculo, circularidade) e, aí, então, o *medium* ou *elemento*.

A medida da ação, sua essência ou seu modo próprio de ser, que é sua gênese e que, portanto, está sempre a se repetir ou se retomar — a medida da ação deixa de ser o *ou* ativo *ou* passivo (*ou* causa *ou* efeito, *ou* agente *ou* paciente) para ser a voz (o modo) média(o), a voz reflexa. E “média”, aqui, está evocando *medium* ou *elemento* (i.é, inserção, círculo, salto, súbito e, então, afeto) e não a média do *em cima do muro*, a média no sentido, p.ex., de porção igual ou a mesma quantidade (metade) de ativo e de passivo, onde a ação poderia ser um pouco, um *pouquinho* ativa e um pouco, um *pouquinho* passiva, agradando e satisfazendo democraticamente a gregos e troianos, bem ao estilo dialético e reconciliador daquele quixotesco “nem elmo e nem bacia, mas um baciélmo!” Na verdade, isso foi só picardia de Sancho Pansa. Que conste esta observação, para redimir “o bom e católico” Sancho! Afinal, ele não era dialético!

A ação *medial*, isto é, marcada ou pontuada pelo modo de ser *medium* ou *elemento*, é, na verdade, a primeira, a arcaica ou *elementar*, e não uma tardia e decorrente da mescla de *ou* ativo *ou* passivo. Ativo e/ou passivo é que é o

tardio, o epígono, como resultado do *chórismos*, como consequência do corte e da separação do *elementar* da e na inserção, do e no círculo. Já vimos que na ação *medial* o chamado “sujeito”, o ator ou autor é o chamado “efeito”, isto é, vem a ser pelo, no ou graças ao fazer. Ele, o “sujeito”, *se faz* à medida que faz o que faz, melhor, como se viu, à medida que é *usado* pelo fazer que *se faz*. Foi assim que dissemos que Machado de Assis não é o “*eu* escrevo”, “*eu sou* escritor”, mas sim que Machado é *uso e obra* do/no escrever. O escrever (no escrever, graças ao escrever) instaura, *inventa*, põe, propõe e impõe o escritor, o *autor*.

Na ação *medial*, a qual se faz desde e como participação vital, isto é, desde e como um *tomar parte* no/do movimento de exposição/concretização da abertura (interesse, perspectiva, *mundo*), é decisivo *escuta*. Sim, participação vital *ou* escuta. Aqui, escuta, ouvir, não está falando do “sentido” ou do “órgão da audição”, mas do modo de ser que melhor mostra esta participação vital. Ou seja, esta participação é um *tomar parte* à medida que se é *aptidão*, melhor, disposição e mesmo pré-disposição de acolhimento e entrega à própria dimensão ou perspectiva e à sua ação, à sua atividade de exposição/concretização. Sobretudo a este acolhimento e entrega denomina-se *escuta* e mesmo *ausculta*. Assim, *escuta* fala do modo de ser que é abertura à abertura e, assim, por isso, participação vital ou existencial. Enquanto modo de ser vital ou existencial, a *escuta*, o ouvir, mostra-se igualmente como uma obediência e um assentimento, que segue, que acompanha. Nisso há uma entrega, um abandono auscultante ou obbediente, que é a entrega e a *boa vontade* em deixar-se tocar, tomar, e, desse modo, deixar-se levar, conduzir, deixando-se *usar* pelo uso da dimensão, da perspectiva ou do interesse. Cresce, assim, ação, atividade. *Crescer*, aqui, diz agravar-se, intensificar-se, apurar-se e, então, ganhar mais evidência, mais nitidez, então, mais *necessidade*, fazer-se ou tornar-se mais *destino*. Portanto, nada quantitativo, somativo, *coisa* de engorda e de agigantamento.

Esta *escuta*, sendo obediência, entrega e seguimento, pode ainda ser caracterizada como *espera* — “a espera do inesperado”, diz Heráclito. A *espera*, que “é um à toa muito ativo”, disse outro especulador. E em sendo esta *espera* do inesperado e em se fazendo um à toa muito ativo, é ela um deixar ser e acontecer e, em assim sendo e se fazendo, faz com que o modo de ser *escuta* e *espera* (i.é, o homem e só o homem) se faça *passagem*. Este deixar ser é uma dimensão, um modo de ser, pois, que não é, não pode ser medido, avaliado, seja por ativo, seja por passivo. Ativo-passivo, aqui, de novo, não é, não pode ser medida, critério, para decidir sobre este *deixar ser*. O *deixar ser* que faz do ser/estar à *escuta* *passagem*. A *passagem* do que vem a ser ou

se faz visível. Mais uma vez, a formulação nos vem a partir de Klee. Em *Sobre a arte moderna*⁹, fala do artista como o tipo que, na vida, no mundo, entre as coisas, conseguiu encontrar uma certa orientação, um certo caminho e, então, usa a “metáfora da árvore”. Compara esta orientação nas coisas e no mundo, obtida pelo artista, às raízes da árvore, que se lançam no escuro da Terra. Deste escuro vão elas haurindo seiva, nutrientes. Neste quadro, o artista, quer dizer, o caso típico do tipo na/da *ação medial* ou *participativo-vital*, precisa ser comparado com o tronco desta árvore, o qual deixa fluir, deixa passar livremente estas seivas, provenientes do escuro da Terra, as quais aparecem na copa, como copa, ou seja, como *folhação* e *floração* — isto é, a obra, as obras de arte. Isso, a obra, é a luz do escuro, é o escuro metamorfoseado em luz. A obra, a rigor, é o modo, o único modo como o escuro (a Terra) pode aparecer ou fazer-se visível. A obra, a ação medial, que é a obra, é o próprio brilho do escuro. Note-se: o escuro não foi iluminado de fora para dentro. Se assim fosse, ele morreria. Não. Ele, desde si, a partir de si, como escuro e no escuro, iluminou-se e tornou-se brilho como luminosidade, como fosforescência do próprio escuro, do próprio a-byssos Terra, que se fez superfície, pele. Vida é este movimento de superficialização, de iluminação do fundo, do profundo, do abissal. Não se pergunta *quem dá, por que dá*. Dá-se. Faz-se. Há. É. Muito obrigado! O artista, diz Klee, “assume realmente uma posição humilde”, isto é, é passagem, é *deixar ser*. “A beleza da copa”, a obra de arte, “não lhe pertence, apenas passa através dele”¹⁰.

É preciso pensar, compreender *toda* ação a partir deste fazer exemplar do artista, deste fazer da, na, isto é, *desde* a arte. Em última instância, isto é, *elementarmente*, a ação não pertence ao homem, isto é, ele não é o dono, o sujeito, o agente. Ela *passa através dele* e assim o faz; faz vir a ser o ente que ele é: homem, o modo de ser histórico no e desde o fazer. Assim, *in hoc signo*, é preciso pregar a porta, podar a roseira, escrever e mesmo digitar o texto, lavar a louça, esfregar o chão. Sim, aqui, assim, também moram os deuses! ...

15. Algo mais se revela. Este modo de ser, que é escuta, espera, passagem, que se dá e se faz desde e como *medium* ou elemento — pois bem, este modo de ser, que é o homem e só o homem, enquanto e como lugar e hora de todo real possível, enfim, *isto* ou *este* modo de ser se revela como *corpo*, é corpo. Súbito,

9 Cf. Klee, P. *Sobre a arte moderna e outros ensaios*, Zahar Editor, Rio, 2001, pág. 52/3, Trad. Pedro Sussekind.

10 Idem.

salto, círculo, inserção, em sendo afeto, define e decide por corpo. De novo, o arcaico, o primeiro ou o elementar de corpo não é nada da ordem do físico, do fisiológico ou do biológico (a ciência), mas tudo isso é *coisa* tardia, epígona e nenhum *dado* primeiro ou primário, como pretendem.

Homem é corpo; vida é corpo, à medida que é experiência (afeto) e história (tempo, tempo se fazendo tempo). Portanto, experiência e história são os *nomes* que caracterizam, que descrevem fenomenologicamente o corpo — o corpo que o homem é. O corpo que é o sentir (*aísthesis*, afeto, experiência), o qual, ao mesmo tempo e como o mesmo ato ou acontecimento, é *ver*, isto é, perceber (*nous*, *noein*). Ou seja, todo sentir (ser tocado, tomado, afetado) já é ver, co-ver, perceber ou co-perceber o sentido (i.é, aquilo pelo que foi tocado, tomado, afetado) *como* isso ou *como* aquilo, uma vez que ninguém sente impressões sensoriais, comprimentos de ondas, estímulos nervosos, sinapses, mas no sentir, ao sentir, no mesmo ato *já* vê-percebe algo *como* algo, como *este* ou *esse* algo, *como* isso ou *aquilo* determinada e especificamente. Sim, sempre já ouve-se/vê-se o vento, o automóvel, o pio do macuco, o ranger da motocicleta. Isso é corpo *como* ou na *hora realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade*, sentir-ver, isto é, como *aísthesis-nous*. Assim visto e entendido, é preciso dizer: *o homem é só corpo*¹¹. É o corpo, isto é, o ato sentir-ver, *aísthesis-nous*, que é sua *alma*, sua *psichê*, sua *vida*. É isso, este acontecimento, a saber, *corpo*, que o anima. Ele, o homem, é, sim, corpo e só corpo — até como os próprios deuses, no olhar de Fernando Pessoa, através de Alberto Caeiro. E quando o corpo morre, a alma já morreu há muito...!

Assim sendo, *logo*, *ergo*, uma perspectiva ou um interesse (dimensão, horizonte, abertura, *mundo*) configura, molda, esculpe *um* corpo. Um corpo possível, que se faz, que se torna, que vem a ser à medida que, em se apropriando do homem, faz com que ele faça o que faz, isto é, à medida que é feito ou *se* faz pelo e no seu fazer. Assim, *há muitos corpos*. Há inumeráveis corpos. Mas não infinitos! Pois a vida, a existência é finita. Há tantos corpos quantos os reais, as realidades possíveis — isto é, os horizontes, os interesses, as perspectivas ou os *verbos* do/no viver, existir. E cada qual é *todo* o corpo, *todo* o real. A vida, enquanto e como concretização/exposição de perspectiva, não se despotencializa, não se gasta e se esvai, não se cansa ou se esgota, dando-se um pouco ou um *pouquinho* nisso ou naquilo, como isso ou como aquilo e *mais* (i.é, *menos*, no presumível processo de despotencialização) um *pouquinho* como aquilo outro. Não. No que se dá e se faz como isso ou aquilo,

11 Cf. Nietzsche, F *Assim Falava Zaratustra*, I, *Dos desprezadores do corpo*.

no que aparece e se faz visível como isso ou como aquilo, como este ou como aquele real (perspectiva, interesse) possível — assim e nisso, ela, a vida e então o próprio real, dá-se *sempre toda(o)*, integral, absoluta(o). A vida nem morre! Porque viu o começo súbito e *eterno*, por isso, disse e mostrou Platão que a vida, a *psyché*, é eterna. No limite, na finitude, como exercício pleno e *satisfeito* de limite ou de finitude, o homem interessado é sempre todo, absoluto, perfeito. Morre sempre cheio e perfeito. *Acaba* cheio, inteiro, perfeito. Seu fim é sua plenitude; seu fim e sua cumulação ou per-feição, são um só e o mesmo. No fim, como fim, na morte, nenhuma choradeira, nenhuma lamentação, nenhuma falta, deficiência ou carência — um corpo cheio, redondo, esférico, perfeito. Ri satisfeito. Satisfeito, isto é, com o sentimento, a evidência de que foi feito sempre o suficiente, pois o necessário, pois o possível. Sempre. Ri satisfeito, como um Buda gordo e desdentado! E isso sempre no pouco. Como pouco. O pouco necessário. E inútil.

16. Uma ação que é entendida só como a produção de um efeito e que só é considerada, avaliada, desde sua utilidade.

Nada contra a utilidade. Nada contra o útil. Nada contra o bom ou o útil para. Nada contra o *ágonon*. Tal como expusemos, achamos até que o homem, o homem enquanto tal, é útil, é bom para a ação. Ela como que se serve dele para *fazer-se e fazê-lo*. Ele, o homem, é a terra, a boa terra, na qual *cai* a semente, a boa semente da ação. Terra útil, terra boa para a ação.

O que não se pode, porém, é querer instrumentalizar e finalizar tudo, como se tudo fosse para *o* ou a serviço do bel-prazer e dos caprichos da subjetividade e do voluntarismo humanos. Para que fim? Com que finalidade?! ... Pois, em última instância, qual a utilidade da ação essencial, da ação medial? Para que serve, para que presta ou se presta isso? Para que serve, para que presta, afinal, a vida?! Já se disse: é *boa* para o homem tornar-se homem. Serve, presta para *fazer homem*. E o homem, a vida — servem para quê? Prestam para quê? Resposta: *para nada!* Ou seja, não há nenhum sentido para fora, para além ou para quem seja do homem, seja da vida.

A ação, a *boa* ação, a medial, serve, presta para a cumulação, para a plênificação da vida, para a per-feição da existência e esta serve para... nada! Presta para... nada! Para que fim?! Com que, com *qual* finalidade?! Nada. Nenhum. Nenhuma. Absolutamente sem *porquê*, sem *para quê*. Inútil. E, no entanto, não pode não ser. Inútil e necessária — a vida, a ação, a atividade gratuita. Tal como a obra de arte e tal como tudo que é grande e nobre. Grande, isto é, radical, essencial. A obra de arte é mencionada, não para enfeitar tudo, não para

decorar e estilizar ou *estetizar* a vida, mas porque ela mostra *exemplarmente* a ação inútil e necessária. Assim como escalar o Everest ou correr a Maratona.

O fato é que o homem desde que é homem, desde a irrupção abissal de sua humanidade — leia-se: de sua finitude, de seu constitutivo *débito*, de seu ser um precisar vir a ser desde e como ação, atividade, esforço de auto-conquista e auto-realização vitais — enfim, o homem, desde a irrupção de sua humanidade, não pode não ser ação, pois *ele é essencialmente ação*. A ação que perfaz seu ser histórico. O seu finito, o seu limite, o seu ser pouco, parco e pobre, o qual põe, impõe ação, atividade, esforço. Esforço para a conquista do que é, do que precisa vir a ser no e desde o fazer e fazer-se. E por quê? E para quê? Por nada. Para nada. Sem porquê. Sem para quê. Absoluta, graciosa, gloriosamente inútil. Inútil e necessário. Isso é glória! Inocente. Muito obrigado! Muito obrigado! Houvesse um fim, um sentido e estaria estragada a inocência do devir, estaria azedado o caldo-vida...

17. Um modo de ser — o do homem, da vida ou da existência humana — que não pode ser medido nem por objetivo e nem por subjetivo. E, porque não é subjetivo e nem objetivo, também não pode ser inter-subjetivo, pois no inter-subjetivo o *outro* sujeito só é sujeito à medida que é objeto para o *primeiro* sujeito ou para mim. O inter-subjetivo é só e tão só uma combinação ou uma síntese dialética de subjetivo/objetivo, objetivo/subjetivo. É um *baciélmo!*

Um modo de ser (o do homem) que, igualmente, não é, não pode ser medido nem por ativo e nem por passivo. No círculo, na inserção, em sendo desde e como salto, todas estas determinações são tardias, decadentes.

Pergunta-se: nesta estrutura de círculo, de inserção, de *afeto*, isto é, de ser desde e como *medium* ou *elemento* — enfim, nesta estrutura, como se dá saber, como se faz conhecimento? Não é, não pode ser na bitola sujeito x objeto. Quer dizer, a tradicional teoria do conhecimento, com todos os seus possíveis *contorcionismos*, não resolve nada, não explica ou esclarece nada. Conhecer não pode, não tem o direito de ser representação conceitual subjetiva (subjetivo-transcendental); saber ou conhecer não pode ser representar por conceitos e, assim, construir, constituir o real como âmbito da subjetividade objetivada pré- e proposta. E, no entanto, dá-se saber, faz-se conhecer, acontece conhecimento. Como?

Mas, antes, o que é saber, conhecer? É *ver* a coisa, o real nele mesmo e como ele mesmo. *Ver* quer dizer: perceber, dar-se conta de. Portanto, saber ou conhecer é *ver*, *perceber* a coisa, o real nele mesmo e aí persistir, insistir ou a isso ater-se. Mas a coisa, o real nele mesmo — o que é? O que é, como

é este *nele mesmo*? Coisa, real, é sempre a força, i.é, a perspectiva, o interesse (horizonte, mundo, sentido, *lógos*), no qual, *a partir do qual* o real (a coisa) é real (coisa). Portanto, *ver*, perceber, dar-se realmente conta de algo, de um possível real, é ver, co-ver a sua força, a sua perspectiva ou o seu interesse, i.é, a sua gênese, a qual se constitui no próprio da própria coisa, do próprio real. Ver, perceber a coisa nela mesma, o real nele mesmo é ver, é perceber a coisa ou o real em sua própria força ou gênese, isto é, *desde ou a partir* de sua própria força ou gênese. A força, a gênese (a perspectiva, o interesse, o sentido ou o *lógos*) é o próprio da coisa, é *o ele mesmo nele mesmo* do real. Saber, conhecer, é, pois, sintonizar-se, sincronizar-se com o fazer-se coisa de coisa, com a própria realização do real. Neste sentido, saber, conhecer, é um autêntico co-nascer. Entrar na, participar da própria gênese — isto é, de algum modo, ser a própria gênese de gênese. Recordando Klee, co-ser e co-fazer forma, isto é, ser *formação*, “Formung”.

Foi dito: *de algum modo* ser a própria gênese e, assim, tornar-se gênese de gênese. Mas que *modo* é este? Ou seja, *como* realmente ver, co-ver gênese, e assim autenticamente participar, tomar parte em? Como se dá, realmente, saber e conhecer enquanto e como participação vital, enquanto e como consanguinidade com a própria coisa, com o próprio real? E foi dito também: *entrar* na própria gênese, no próprio real. Então se está ou se estava *fora*? Fora, tal como o sujeito está fora da coisa (do mundo) e, então, faz-se necessária a justificação da passagem, da *ponte*? Estamos na mesma aporia da teoria do conhecimento?!

18. Não se trata de estar fora, pois, aqui, o *absoluto* é a vida e do absoluto em relação ao absoluto nunca se está, jamais se pode estar fora. A forma, a estrutura é de inserção, de círculo. A esta estrutura, aqui, se chama *absoluto*. Assim, pois, não se trata de estar fora, mas, antes, de conquistar a ou uma dimensão possível (perspectiva, interesse, sentido, *mundo*, abertura ou modo possível de ser), na qual já se está, quer dizer, a qual já se é, pois se vive, se está jogado na vida, no viver ou existir. Há, sim, que tornar-se, vir a ser o que é, ou seja, a possibilidade que se é — *Vem a ser o que tu és*.

À medida que o homem é homem, à medida que vive, ele, em princípio, é (*tem*) todos os modos possíveis de ser de vida, todos os seus *verbos* (dimensões, perspectivas, aberturas, *mundos*), uma vez que, em vivendo e porque vive, ele é ou está na possibilidade de um tal ou tal modo de ser. E ele virá a ser ou tornar-se-á um tal modo de ser à medida que ele o *conquistar*. E como conquistar? Como e por que conquistar o que já se é, isso em que já se está?!

E tal conquista — será ela um ato heróico, algo voluntarista, decisionista? Alguma aventura napoleônica?

Não. Conquistar, aqui, quer dizer: tornar-se tal modo de ser. Melhor ainda: tornar possível tornar-se tal modo possível de ser. E alguém se torna tal ou tal modo possível de ser à medida que o faz, que o realiza, i.é., que se participa ou se toma parte no seu modo de fazer-se ou de realizar-se, ou seja, de *ex-pôr-se*. Portanto, conquista-se um tal ou tal modo de ser à medida que se *cumpr*e e, assim, se *participa* de um tal ou tal modo possível de ser, o qual se apresenta ou se expõe como um sentido, uma abertura, dimensão — mundo, interesse, perspectiva.

No entanto, a pergunta permanece: como cumprir, como participar, como tornar-se uma tal ou tal possibilidade, um tal ou tal modo possível de ser? Isso acontece ou é possível à medida que nos *transpomos* para uma tal ou tal possibilidade ou dimensão. E *transpor-se* quer dizer: pôr-se, colocar-se *na* e, assim, *desde a* própria dimensão, abertura ou interesse. Isso será participação ou consanguinidade com o modo próprio de ser, com a dimensão ou abertura. E esta transposição, por sua vez, se faz, se dá através de *salto*, só desde e como salto. Passa-se, transpõe-se para uma tal ou tal dimensão ou abertura à medida que se salta — à medida que se salta para dentro de uma possibilidade própria de vida e que, por isso, já se a é, na qual já se está, pois do contrário seria impossível o salto, a transposição. E, sim, a passagem, o caminho é o salto. O *método* é o salto. *Só* o salto.

E salto, por ser salto, é súbito, é i-mediato, quer dizer, sem nenhuma mediação ou intermediação. No entanto, há, sim, uma preparação. Como?! Então não é salto, não é súbito, imediato, inesperado?!

Tal preparação se faz desde ou a partir de algo que, com boa vontade, pode-se chamar *boa vontade*! Isto é, como uma disposição ou pré-disposição de passar para, de acolher a, de assentir em tal outra abertura, tal outra possível dimensão (interesse, *mundo*, sentido, modo de ser). Esta *boa vontade*, esta pré-disposição por acolher e assentir se dá e se faz desde e como espera — “Se não se espera o inesperado, ele jamais se dará, acontecerá”. Espera e escuta. Melhor: espera *como* escuta, uma vez que espera é, precisa ser escuta, para que ela seja “um à toa muito ativo”... O salto é doação, um acontecimento de abrir-se, dar-se ou doar-se, mas o fato é que sem esta *preparação*, sem esta *boa vontade* na/da espera-escuta, enfim, sem uma tal pré-disposição tal passagem, transposição ou salto não se dará, não se fará.

Espera e escuta. Na espera e na escuta, na espera como escuta a entrega à transcendência. O abandono, o deixar ser de transcendência (a abertura que

se dá, que acontece, se oferece ou se abre a...) na sua sobreveniência, no seu vir sobre ou sobrevir, e assim tomar, tocar, afetar, isto é, *pegar* o ente que é só e tão só a possibilidade de ser tocado e tomado, *pegado* (portanto, nenhum *ente*), à medida que é *coisa* nenhuma, *ente* algum, mas só e tão só “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”. Para isso, para tal, o meio, o *medium* ou o elemento, além da *boa vontade*, é silêncio. A entrega, a espera e a escuta — tudo isso é silêncio. Silêncio e solidão. E nisso, assim, nenhum encapsulamento, nenhum intimismo ou solipsismo, mas abertura à transcendência, disposição ou pré-disposição *por, para* transcendência.

Tal salto, tal transposição, acontece quando se faz o exercício do mandamento do destino, isto é, o exercício do mandamento do envio do homem para o homem e isso por nada, para nada. E este mandamento fala, soa assim: “Deves fortalecer-te na solidão, disse o destino”¹².

12 Cf. Klee, P. *Die Ordnung der Dinge*, Hatje Stuttgart, Stuttgart, 1975, p. 78. “Erstarken sollst Du in Einsamkeit, sprach das Schicksal”.